

GUIÃO PEDAGÓGICO

FERREIRA DO ZÊZERE

(Guião 35)

PROGRAMA DE VISITAS DE ESTUDO

Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo



MÉDIO TEJO
COMUNIDADE
INTERMUNICIPAL

Cofinanciado por:

CENTRO 2020

PORTUGAL
2020



UNÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

Apresentação

A Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo (**CIMT**) determinou no seu *Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal da Educação* (PEDIME) um conjunto de medidas que, através da Educação, concorrem para a *coesão sustentável do território*.

Para responder ao *Programa de Visitas de Estudo*, medida integrada no PEDIME, e ao encontro da promoção da cultura científica, das artes e das competências metacognitivas (desenvolvimento de maneiras de pensar os problemas), estabeleceu como ação estratégica a construção de um conjunto de guiões pedagógicos de apoio a visitas de estudo.

O traço estruturante deste projeto foi a conexão entre *património*, *currículo* e *visitas de estudo*. A criação de 45 guiões pedagógicos, direcionados à planificação curricular e didática de visitas de estudo, foi organizada pelo CICS.NOVA e uma equipa de professores/investigadores, em articulação com a área da Educação, Cultura e Turismo dos Municípios e Agrupamentos que integram a CIMT e serviços educativos dos espaços.

A metodologia desenvolvida procurou promover a capacidade de *mobilização de conhecimento para a resolução de problemas* ou para o desenvolvimento de projetos que, partindo do contexto geográfico e cultural, possam conduzir o(a) aluno(a) a consolidar e a desenvolver os seus conhecimentos, bem como o desenvolvimento de competências sociais, cognitivas e metacognitivas.

Fomentar momentos de debate, reflexão conjunta, de configuração de soluções às problemáticas apresentadas fizeram parte dos objetivos deste projeto que alia a descoberta à criação e que *promove o conhecimento sobre o território da CIMT* como espaço de aprendizagem científica e cultural e o desenvolvimento do que poderemos designar por turismo escolar e *valorização de diferentes tipos de património*, tendo como público não só as escolas e agrupamentos de escolas da região, mas igualmente do resto do país.

Metodologia¹

Diversos estudos sobre o papel das visitas de estudo na educação apontam para a sua prática pedagógica como uma estratégia que promove o *desenvolvimento de competências intersociais e científicas e potencia as aprendizagens de diferentes áreas disciplinares*.

Partindo das perspetivas de currículo integrado questionou-se sobre **como planificar curricular e didaticamente visitas de estudo**.

A *integração curricular*, na prática, começa com a identificação de questões, temas organizacionais, unidades temáticas ou núcleos de experiências perante a aprendizagem. Assim, a estratégia metodológica privilegiada na construção destes guiões considerou uma aprendizagem baseada em problemas, formulados a partir do questionamento dos espaços a visitar, considerando os conteúdos curriculares do ensino básico e a metodologia de projeto, com a proposta de construção de um **portefólio de aprendizagens**.

A planificação *didática da visita de estudo* foi organizada segundo os pressupostos:

- **Validade** – atende à articulação entre espaço e currículo.
- **Utilidade** – compreende a oportunidade de explorar os conteúdos curriculares em novos ambientes educativos, catalisadores na mobilização de competências para a resolução de problemas.
- **Significação** – considera as experiências vivenciadas pelos(as) aluno(as) e está por isso associada à ligação entre o conhecido, o vivenciado e a novidade.
- **Adequação** - contabiliza o desenvolvimento integral de todos os(as) alunos(as) de acordo com os documentos curriculares, normativos.
- **Flexibilidade** - determina relações interdisciplinares, num ambiente pluri/multidisciplinar.
- **Avaliação** - atende à construção de instrumentos de monitorização e avaliação das aprendizagens, em articulação com os procedimentos organizacionais de autoavaliação e avaliação externa.

Os 45 guiões pedagógicos organizados constituem-se referências num *plano de desenvolvimento curricular de nível meso* e propõem práticas curriculares situadas sobre a interven-

¹ Organizada pela equipa científica.

ção didática, contextualizada e integrada, mas a adaptar aos documentos internos que regem a ação educativa de cada agrupamento de escolas.

Espaço

A definição dos espaços reconhece uma análise prévia construída a partir de códigos reflexivos e de *carácter patrimonial, identitário e científico*.

Problemática

A problemática é desenvolvida tendo em conta o espaço e os conteúdos curriculares/programáticos das diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina. Na problemática pode existir uma ou mais *questões nucleares* que orientam a construção do guião. A exploração da problemática deve contribuir para uma *melhor compreensão dos desafios locais/regionais*, impacto nacional e também pode conduzir a um projeto de valorização ou *intervenção pelo desenvolvimento sustentável da região*.

Conhecimentos e Competências

Partindo dos documentos curriculares, nomeadamente as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, determinam-se os ciclos, anos de escolaridade, conhecimentos e respetivas competências, que de forma horizontal ou vertical promovem a interdisciplinaridade, nos processos e produtos da aprendizagem.

Fases da Visita de Estudo

Os guiões de visitas de estudo procuram potenciar as maneiras de pensar do(a) aluno(a) ao longo dos diferentes momentos, numa perspetiva investigativa. A partir da problemática definida, sugere-se a promoção da relação investigador/objeto, bem como a reflexão sobre a finalidade da atividade científica e a intencionalidade da aprendizagem.

Antes da visita de estudo

Construir a contextualização histórica sobre o espaço e as atividades a desenvolver com os(as) alunos(as) para a exploração da problemática, considerando e adaptando às diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina. Fomentar, igualmente, a criação de hipóteses. Neste momento, estabelece-se o protocolo de preparação da saída e trabalho de campo, em articulação com o espaço, definindo a realização de uma visita guiada ou autónoma.

Durante a visita de estudo

Aplicar o protocolo de recolha de dados segundo os materiais didáticos/pedagógicos e instrumentais construídos, adaptado às diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina e à tipologia de visita de estudo.

Após a visita de estudo

Implementar atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Promover a divulgação das conclusões e recomendações da problemática estudada à comunidade. Finalizar o portefólio.

Avaliação

Portefólio, autoavaliação, entre outros instrumentos a definir pelo grupo de professores (as).

Oportunidades/Possibilidades do Guião-tipo:

- Reconfigurar o espaço e outros conhecimentos e competências.
- Promover a articulação entre guiões.
- Organizar outras problemáticas sobre o mesmo espaço, ou novos espaços para uma mesma problemática.

Referências:

- Anderson, D. M. (2013). Overarching goals, values, and assumptions of integrated curriculum design. *SCHOLE: A Journal of Leisure Studies and Recreation Education*, 28(1), 1-10
- Beane, J. A. (2016). *Curriculum integration: designing the core of democratic education*. New York: Teachers College Press.
- Behrendt, M., & Franklin, T. (2014). A review of research on school field trips and their value in education. *International Journal of Environment and Science Education*, 9, 235-245
- Chun, M. S., Kang, K. I., Kim, Y. H., & Kim, Y. M. (2015). Theme-Based Project Learning: Design and Application of Convergent Science Experiments. *Universal Journal of Educational Research*, 3(11), 937-942
- Dewitt, J. & Storksdieck, M. (2008). A Short Review of School Field Trips: Key Findings from the Past and Implications for the Future. *Visitor Studies*, 11(2), 181-197
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *Interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Coleção Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (Org) (2006). *Interdisciplinaridade: Antologia*. Coleção Campo das Ciências. Porto: Campo das Letras.
- Rennie, L. J. (2007). Learning science outside of school. In N. Lederman & S. Abel (Eds.), *Handbook of research on science education*, 125-167. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Roldão, M.C. & Almeida, S. (2018). *Gestão Curricular - Para a Autonomia das Escolas e Professores*. Coleção Autonomia e Flexibilidade Curricular. Lisboa: DGE.
- Savery, J. R. (2015). Overview of problem-based learning: Definitions and distinctions. Essential readings in *Problem-based learning: Exploring and extending the legacy of Howard S. Barrows*, 9, 5-15
- Savin-Baden, M., & Major, C. (2004). *Foundations of problem-based learning*. Maidenhead, UK: Open University Press.



GUIÃO PEDAGÓGICO

FERREIRA DO ZÊZERE

VISITA DE ESTUDO:

PELOURINHO DE ÁGUAS BELAS

PELOURINHO DE PIAS



Cofinanciado por:





Pelourinho de Águas Belas

Pelourinho de Pias

CONTACTOS

PELOURINHO DE ÁGUAS BELAS

Junta de Freguesia de Águas Belas

Morada: Rua Teixeira Antunes N.º 401A

2240-012 Águas Belas

Telefone: +351 249 362 303

Email (JF): junta.aguasbelas@gmail.com

Email (CM): turismo@cm-ferreiradozezere.pt

PELOURINHO DE PIAS

Junta de Freguesia de Areias e Pias

Morada: Rua das Escolas N.º 417

2240-102 Areias

Telefone: +351 249 392 064

Email (JF): geral@ufap.pt

Email (CM): turismo@cm-ferreiradozezere.pt

SINOPSE

O aparecimento de pelourinhos está intimamente associado à fundação dos concelhos. À outorga de um foral a uma comunidade local segue-se o levantamento de um pelourinho, símbolo da sua personalidade jurídica e da sua independência face a outro povoado ao qual se encontrava até então subordinado. É sempre implantado numa praça ou num largo central da povoação, normalmente em frente ao edifício dos paços do concelho. As primeiras referências conhecidas a Águas Belas e Pias resultam da doação destas terras, à Ordem do Templo, por D. Afonso Henriques. É neste sentido que se desenvolve a problemática deste guião, centrada na seguinte questão: Qual a importância dos pelourinhos na história da região? Para desenvolver esta problemática sugere-se uma visita de estudo a ambas as localidades interrelacionando a presença local, regional e nacional deste tipo de património.

No 1.º CEB, a problemática pode ser desenvolvida no âmbito da articulação entre as disciplinas de Estudo do Meio, Matemática, Português e Educação Artística – Artes Visuais. No 2.º CEB propõe-se interligar Português, Matemática, História e Geografia de Portugal, Ciências Naturais e Educação Visual. No 3.º CEB sugere-se articular Ciências Naturais, Geografia, Matemática, Português, História, e Educação Visual.

Antes da visita de estudo, propõe-se um aprofundamento do conhecimento sobre o papel desempenhado pelos pelourinhos no contexto nacional e local, com especial destaque para os casos de Águas Belas e Pias, que deverá ser enquadrado de forma interdisciplinar. No decorrer da visita há a oportunidade de caracterizar o património estudado na fase anterior, dando expressão ao trabalho desenvolvido nessa fase e confirmando eventuais conjeturas traçadas. Após a visita, com base nos dados recolhidos e na finalização do portefólio anteriormente iniciado, espera-se que os alunos respondam, de forma interdisciplinar, à problemática inicial.

PROBLEMÁTICA

Qual a importância dos pelourinhos na história da região?

CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS

Indicar conhecimentos e competências por área disciplinar/disciplina, de acordo com os documentos curriculares de referência, nomeadamente as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, para maior articulação (horizontal ou vertical).

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
Estudo do Meio 3.º e 4.º Anos - Sociedade - Sociedade/Natureza/Tecnologia	- Construir um friso cronológico com os factos e as datas relevantes da História de Portugal e da História da região/local; conhecer personagens e aspetos da vida em sociedade relacionados com os factos relevantes da história de Portugal e da região, com recurso a fontes documentais. - Reconhecer e valorizar o património natural e cultural - local, nacional, etc.- identificando na paisagem elementos naturais (sítios geológicos, espaços da Rede Natura, etc.) e vestígios materiais do passado (edifícios, pontes, moinhos e estátuas, etc.), costumes, tradições, símbolos e efemérides.
Matemática 3.º e 4.º Anos - Geometria e Medida - Resolução de problemas Raciocínio e comunicação matemáticos	- Desenhar e descrever a posição de polígonos (triângulos, quadrados, retângulos, pentágonos e hexágonos) recorrendo a coordenadas, em grelhas quadriculadas; identificar ângulos em polígonos e distinguir diversos tipos de ângulos (reto, agudo, obtuso, raso); identificar propriedades de figuras planas e de sólidos geométricos e fazer classificações, justificando os critérios utilizados; medir comprimentos, áreas, volumes, capacidades e massas, utilizando e relacionando as unidades de medida do SI. - Conceber e aplicar estratégias na resolução de problemas com números racionais não negativos, em contextos matemáticos e não matemáticos, e avaliar a plausibilidade dos resultados.
Educação Artística – Artes Visuais 3.º e 4.º Anos - Experimentação e criação	- Experimentar possibilidades expressivas dos materiais (carvão vegetal, pasta de modelar, barro, pastel seco, tinta cenográfica, pincéis e trinchas, rolos, papéis de formatos e características diversas, entre outros) e das diferentes técnicas, adequando o seu uso a diferentes contextos e situações.
Português	- Selecionar informação relevante em função dos objetivos de escuta e registá-la por meio de téc-

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oralidade <ul style="list-style-type: none"> • Compreensão • Expressão - Leitura - Escrita - Gramática 	<p>nicas diversas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler textos com características narrativas e descritivas de maior complexidade, associados a finalidades várias e em suportes variados; distinguir nos textos características do artigo de enciclopédia, da entrada de dicionário e do aviso (estruturação, finalidade). - Mobilizar experiências e saberes no processo de construção de sentidos do texto; exprimir uma opinião crítica acerca de aspetos do texto (do conteúdo e/ou da forma). - Redigir textos com utilização correta das formas de representação escrita (grafia, pontuação e translineação, configuração gráfica e sinais auxiliares da escrita); escrever textos, de forma criativa, organizados em parágrafos, coesos, coerentes e adequados às convenções de representação gráfica. - Utilizar processos de planificação, textualização e revisão, realizados em grupo; superar problemas associados ao processo de escrita por meio da revisão com vista ao aperfeiçoamento de texto (trabalho de texto em grupo). - Explicitar regras de ortografia.

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>Ciências Naturais</p> <p>5.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - A água, o ar, as rochas e o solo – materiais terrestres 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir mineral de rocha e indicar um exemplo de rochas de cada grupo (magmáticas, metamórficas e sedimentares). - Discutir a importância dos minerais, das rochas e do solo nas atividades humanas, com exemplos locais ou regionais.
<p>História e Geografia de Portugal</p> <p>5.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - A formação do reino de Portugal - Portugal no século XIII 	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualizar a autonomia do Condado Portucalense e a formação do Reino de Portugal no movimento de conquista cristã, ressaltando episódios de alargamento do território e da luta de D. Afonso Henriques pela independência. - Caracterizar os modos de vida dos diversos grupos sociais (clero, nobreza e povo). - Identificar/aplicar os conceitos: documento; território, produção artesanal, comércio, nobreza, clero, concelho, carta de foral, ordem religiosa, mosteiro, tratado. - Localizar, em representações cartográficas, diversos espaços e elementos patrimoniais que

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	<p>Ihe dão identidade, utilizando diferentes escalas e mobilizando os mais diversos tipos de informação georreferenciada.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aplicar o conceito de fonte histórica, partindo da identificação de vestígios materiais. - Conhecer, sempre que possível, episódios da História regional e local, valorizando o património histórico e cultural existente na região/local onde habita/estuda. - Reconhecer a ação de indivíduos e de grupos em todos os processos históricos e de desenvolvimento sustentado do território. - Desenvolver a sensibilidade estética.
<p>Matemática</p> <p>5.º e 6.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Geometria e Medida <ul style="list-style-type: none"> • Figuras planas e sólidos geométricos 	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever figuras no plano e no espaço com base nas suas propriedades e nas relações entre os seus elementos e fazer classificações explicitando os critérios utilizados.
<p>Educação Visual</p> <p>5.º e 6.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Experimentação e criação 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar diferentes materiais e suportes para realização dos seus trabalhos; reconhecer o quotidiano como um potencial criativo para a construção de ideias, mobilizando as várias etapas do processo artístico (pesquisa, investigação, experimentação e reflexão); desenvolver individualmente e em grupo projetos de trabalho, recorrendo a cruzamentos disciplinares (artes performativas, multimédia, instalações, <i>happening</i>, entre outros); justificar a intencionalidade dos seus trabalhos, conjugando a organização dos elementos visuais com ideias e temáticas.
<p>Português</p> <p>5.º e 6.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oralidade - Leitura - Escrita 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir factos de opiniões na explicitação de argumentos. - Ler textos com características narrativas e expositivas de maior complexidade, associados a finalidades várias e em suportes variados. - Explicitar o sentido global de um texto. - Fazer inferências, justificando-as. - Identificar tema(s), ideias principais e pontos de vista. - Redigir textos de âmbito escolar, como a exposição e o resumo. - Produzir textos de opinião com juízos de valor sobre situações vividas e sobre leituras feitas.

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>Ciências Naturais</p> <p>7.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dinâmica externa da Terra - Aplicação das rochas na sociedade 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir rochas detríticas, de quimiogénicas e de biogénicas em amostras de mão. - Relacionar algumas características das rochas e a sua ocorrência com a forma como o Homem as utiliza, a partir de dados recolhidos no campo.
<p>Geografia</p> <p>7.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Terra: Estudos e representações 	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever a localização relativa de um lugar, em diferentes formas de representação da superfície terrestre, utilizando a rosa dos ventos. - Descrever a localização absoluta de um lugar, usando o sistema de coordenadas geográficas (latitude, longitude), em mapas de pequena escala com um sistema de projeção cilíndrica.
<p>História</p> <p>7.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - A sociedade europeia nos séculos IX a XII - A Península Ibérica nos séculos IX a XII - Desenvolvimento económico, relações sociais e poder político nos séculos XII a XIV 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância da aristocracia guerreira e do clero cristão na regulação da sociedade, dada a fragilidade do poder régio. - Analisar as dinâmicas económicas e sociais existentes entre senhores e camponeses. - Compreender como se processavam as relações de vassalidade. - Identificar/aplicar os conceitos: aristocracia; feudo; clero; nobreza; povo; servo; vassalo. - Descrever a formação do Reino de Portugal, nomeadamente a luta de D. Afonso Henriques pela independência. - Relacionar a formação do Reino de Portugal com as dinâmicas de interação entre as unidades políticas cristãs e com a reconquista. - Referir os momentos-chave da autonomização e reconhecimento da independência de Portugal. - Compreender o processo de passagem de uma economia de subsistência para uma economia monetária e urbana na Europa medieval. - Interpretar o aparecimento da burguesia. - Explicar a divisão do país em senhorios laicos e eclesiásticos e em concelhos. - Analisar o processo de fortalecimento do poder régio. - Utilizar adequadamente fontes históricas de tipologia diversa, recolhendo e tratando a informação para a abordagem da realidade social numa perspetiva crítica. - Promover uma abordagem da História baseada em critérios éticos e estéticos. - Relacionar, sempre que possível, as aprendiza-

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	gens com a História regional e local, valorizando o património histórico e cultural existente na região/local onde habita/estuda.
<p>Português 7.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oralidade - Leitura - Escrita 	<ul style="list-style-type: none"> - Sintetizar a informação recebida pela tomada de notas das ideias-chave. - Explicitar o sentido global de um texto. - Fazer inferências devidamente justificadas. - Identificar tema(s), ideias principais, pontos de vista, causas e efeitos, factos, opiniões. - Expressar, com fundamentação, pontos de vista e apreciações críticas suscitadas pelos textos lidos. - Elaborar textos que cumpram objetivos explícitos quanto ao destinatário e à finalidade (informativa ou argumentativa) no âmbito de géneros como: resumo, exposição, opinião, comentário, biografia e resposta a questões de leitura. - Planificar a escrita de textos com finalidades informativas, assegurando distribuição de informação por parágrafos. - Ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto.
<p>Matemática 7.º, 8.º e 9.º Anos</p> <p>Geometria e Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> - Figuras geométricas - Semelhanças - Áreas e Volumes 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e representar semelhanças de figuras no plano, usando material e instrumentos apropriados, incluindo os de tecnologia digital, e utilizá-las em contextos matemáticos e não matemáticos, prevendo e descrevendo os resultados obtidos, incluindo o seu efeito em comprimentos e áreas. - Analisar figuras geométricas planas e tridimensionais, incluindo a circunferência, o círculo e a esfera, identificando propriedades relativas a essas figuras, e classificá-las de acordo com essas propriedades. - Reconhecer o significado de fórmulas para o cálculo de áreas da superfície e de volumes de sólidos, incluindo a esfera, e usá-las na resolução de problemas em contextos matemáticos e não matemáticos.
<p>Educação Visual 7.º, 8.º e 9.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Experimentação e criação 	<ul style="list-style-type: none"> - Articular conceitos (espaço, volume, cor, luz, movimento, estrutura, forma, ritmo), referências, experiências, materiais e suportes nas suas composições plásticas. Manifestar expressividade nos seus trabalhos, selecionando, de forma intencional, conceitos, temáticas, materiais, suportes e técnicas.

COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS

(Perfil do Aluno)

- Discutir conceitos ou factos, articular saberes numa perspetiva disciplinar e interdisciplinar.
- Desenvolver a capacidade e o gosto pela pesquisa, a aptidão e a predisposição para procurar, selecionar e organizar informação em vários suportes e contextos.
- Interpretar problemáticas do meio com base em conhecimentos adquiridos, aplicando-os em diferentes contextos.
- Interpretar dados expressos em tabelas, gráficos e figuras.
- Desenvolver raciocínio e resolução de problemas.
- Reconhecer que a ciência, a tecnologia e a sociedade estabelecem relações de interdependência entre si.
- Desenvolver o saber científico técnico e tecnológico.
- Utilizar diversas linguagens e processos narrativos.
- Valorizar diferentes tipos de património.
- Analisar factos e situações, selecionando elementos ou dados históricos.
- Debater por domínios a conceção de cidadania ativa (desenvolvimento sustentável, educação ambiental, empreendedorismo, instituições e participação democrática, literacia financeira, risco).
- Desenvolver a sensibilidade estética e artística, despertando, o gosto pela apreciação e fruição das diferentes circunstâncias culturais.
- Utilizar as tecnologias da informação e comunicação e a biblioteca escolar para maior autonomia na realização das aprendizagens curriculares, de natureza recreativa, cívica e cultural.
- Mobilizar as TIC e as TIG para representar diferentes tipos de informação.
- Adquirir hábitos e métodos de estudo e de trabalho que promovam o tratamento da informação, a comunicação, a construção de estratégias cognitivas e o relacionamento interpessoal ou de grupo.
- Participar responsabilmente, com espírito de iniciativa e autonomia.
- Pensar crítica, reflexiva e criativamente a realidade, dotado de literacia cultural, científica e tecnológica, que lhe permita analisar, questionar e avaliar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia-a-dia.
- Respeitar-se a si mesmo e ser solidário com os outros.
- Aspirar ao trabalho bem feito, ao rigor e à superação, ser perseverante, resiliente perante as dificuldades.
- Formular questões e hipóteses, fazer inferências, comprovar resultados e saber comunicá-los, reconhecendo como se constrói o conhecimento.

FASES DA VISITA DE ESTUDO

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

No concelho de Ferreira do Zêzere destaca-se a presença de dois pelourinhos: Pelourinho de Águas Belas (Figura 1) e Pelourinho de Pias (Figura 2), localizados nas vilas com o mesmo nome (MFZ, 2013). Ambos os pelourinhos estão classificados como Imóveis de Interesse Público (Decreto n.º 23122, de 11 de outubro de 1933).



Figura 1. Mapa do Concelho de Ferreira do Zêzere (Fonte: Município de Ferreira do Zêzere, 2019).

Na página oficial do Património Cultural (DGPC, s.d.a) refere-se o seguinte sobre o Pelourinho de Águas Belas:

A primeira referência conhecida a Águas Belas data de 1159, quando D. Afonso Henriques doa a região à Ordem do Templo. Em 1190, é D. Sancho I quem cede a Pero ou Pedro Ferreira, fundador da vila de Ferreira do Zêzere, uma herdade que este povoou de seguida e que viria mais tarde a constituir o Morgado de Águas Belas. A Pedro Ferreira e sua mulher Maria Vasques se deve a primeira carta de foral da povoação, então designada como Vila Ferreira (mas igualmente referida como "Abas de Aquabela" no foral contemporâneo de Ferreira do Zêzere). Em 1319, pouco após a extinção dos Templários, estes territórios passam para a posse da Ordem de Cristo, e em 1356 é finalmente instituído o Morgado de Águas Belas, na pessoa de D. Rodrigo Álvares Pereira, irmão do célebre Condestável. D. Manuel outorgou-lhe foral novo em 1513, e D. João III fê-lo subir à categoria de vila, em 1531.

O seu pelourinho ergue-se ainda na localidade, junto a um fontanário com alto muro de xisto, que enquadra o monumento. Está colocado sobre uma plataforma elevada, no prolongamento do referido fontanário, e flanqueado por dois pilaretes de construção moderna. É composto por coluna e remate, assentes em soco de três degraus de secção quadrangular, sendo o conjunto em calcário da região. A coluna, de fuste cilíndrico e liso, não possui base, e é ornamentada com as armas dos Pereiras relevadas: escudo boleado com cruz florida e vazada no campo, encimado por timbre de fantasia, em forma de coroa aberta. Não existe verdadeiramente capitel, mas apenas um espessamento do fuste com a mesma secção deste, encimado por um pequeno ábaco sobre o qual assenta o remate, por sua vez constituído por um curto tronco cilíndrico (ao modo de colarinho) rematado em tosca calote esférica.

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

A ficha SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico) deste espaço (DGPC, 2008) descreve ainda que este pelourinho é uma

Estrutura em cantaria de calcário, composta por soco de três degraus circulares, onde assenta a coluna de fuste liso, ostentando a cerca de 3/4 da sua altura, as armas dos Pereira, formando uma cruz de Avis, encimado por coroa aberta. Remate em ábaco e tabuleiro, onde assenta um tronco cilíndrico, encimado por uma esfera.



Figura 2. Pelourinho de Águas Belas (Fonte: DGPC, 2008).

Na página oficial do Património Cultural (DGPC, s.d.b) refere-se o seguinte sobre o Pelourinho de Pias:

A localidade de Pias, atual freguesia de Ferreira do Zêzere, foi doada aos cavaleiros da Ordem do Templo por D. Afonso Henriques em 1146, afirmando alguns que estes seus primeiros senhores lhe terão dado foral. Seja como for, o primeiro documento deste género que se conhece com certeza foi outorgado bem mais tarde, em 1534, por D. João III, que leva Pias a vila e sede de concelho. Como testemunho da sua antiga autonomia, Pias conserva ainda um pelourinho, de delicado recorte classicizante.

O pelourinho eleva-se em pequeno largo, diante da igreja da povoação, sobre três degraus circulares de estreito rebordo boleado. A coluna assenta num plinto quadrangular, encimado por escócia circular com moldura toral, e eleva-se em fuste cilíndrico liso, com secção decrescente em direção à sua extremidade superior. O capitel é apenas simbólico, constituído por um estreito anel já próximo do topo, a partir do qual o fuste volta a alargar-se ligeiramente. Este troço seria ornamentado com caneluras, mas o desgaste da pedra - um calcário brando - não permite identificar o motivo com clareza. A coluna é finalmente rematada por um ábaco ou tabuleiro em tronco de pirâmide quadrangular, bojudo e invertido, e com os bordos superiores côncavos. No centro de cada aresta estaria uma minúscula cabeça antropomórfica, estando algumas já mutiladas.

A ficha do SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico) (DGPC, 1990) descreve também que este pelourinho é uma

Estrutura em cantaria de calcário, composta por soco quadrangular de três degraus, com focinho saliente, onde assenta a base formada por plinto, escócia e toro, e fuste monolítico cilíndrico, liso. Remate em capitel de inspiração compósita com alto colarinho canelado.

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.



Figura 3. Pelourinho de Pias (Fonte: DGPC, 1990).

Para iniciação à exploração da problemática e associando a possibilidade de construção de um portefólio, sugerem-se algumas atividades a realizar antes da visita de estudo com os alunos dos diferentes ciclos do ensino básico, desde que devidamente adaptadas ao respetivo ano de escolaridade:

A.1. Analisar e discutir excertos do texto de Rosa (2014) sobre os pelourinhos em Portugal, tais como:

Em Portugal, a existência dos pelourinhos recua até à Idade Média, embora sejam poucos os exemplares daquela época que tenham sobrevivido até aos dias de hoje (v.g., Vimioso, Rebordãos, Lamas de Orelhão, Soajo). No entanto, para Carlos de Almeida e Mário Barroca, o seu aparecimento é um acontecimento tardio, dos séculos XIV e XV, sendo que até aí a exposição dos criminosos e a aplicação dos castigos fazia-se em estruturas mais simples e modestas, como o tronco (Almeida e Barroca, 2002: 150). De facto, é de admitir que uma estrutura semelhante – a picota – tenha antecedido o pelourinho.

O surgimento dos pelourinhos está intimamente associado à fundação dos concelhos. À outorga de um foral a uma comunidade local pelo monarca português segue-se o levantamento de um pelourinho, símbolo da sua personalidade jurídica (cidade ou vila dotada de um conselho ou senado próprios) e da sua independência face a outro povoado ao qual se encontrava até então subordinada e sinal distintivo relativamente a outras classes inferiores de povoação (julgado, aldeia ou casal). Invariavelmente é implantado numa praça ou num largo central da povoação e em frente ao edifício dos paços do concelho. [...]

Mas o pelourinho não é apenas um símbolo da jurisdição municipal ou da "liberdade municipal", no dizer de Alexandre Herculano. É, em alguns casos, um sinal de jurisdição senhorial, embora aqui intimamente relacionada com o exercício do poder judicial, pois registam-se casos em que os bispos, os cabidos, os mosteiros e os senhores podiam erguer pelourinhos. (p. 13). [...]

Símbolo concelhio e instrumento penal que progressivamente foi acumulando outras funções, a sua construção dependia no essencial dos meios financeiros da câmara, dos recursos naturais locais e, naturalmente, da habilidade do pedreiro contratado. Assim, podem ser encontrados exemplares construídos em calcário, granito, xisto, pedra de Ançã e mármore. (p. 14).

Torres (1989), diz também o seguinte sobre o pelourinho:

Coluna de pedra colocada em lugar público, de cidade ou vila, e na qual os municípios exerciam a sua justiça. Era, assim, o distintivo da jurisdição de um concelho e da sua autonomia municipal. No entanto

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

tinham também direito de pelourinho os grandes donatários, os bispos, os cabidos e os mosteiros, como prova e instrumento de jurisdição feudal. (...). Em Portugal, os pelourinhos, ou picotas (esta a designação mais antiga e popular), dos municípios localizavam-se sempre no interior dos centros urbanos, normalmente em frente do edifício da câmara, isto é, no *fórum* da vida comunal dos vizinhos (...). (p. 43).

Através da análise e discussão destes excertos, conduzir os alunos a problematizarem a importância dos pelourinhos na história do país e, mais especificamente, na história da região.

A.2. Pesquisa e recolha de informação sobre os pelourinhos nacionais e, em concreto, os da região do Médio Tejo. Recolher e tratar informação que permita um conhecimento multidisciplinar destes monumentos. Podem ser focadas as seguintes temáticas por diferentes grupos de trabalho:

a) Funções do pelourinho até ao final do absolutismo.

Como refere Rosa (2014), “atendendo ao seu grau de importância, é possível sistematizar as funções do pelourinho da seguinte forma: a) Funções principais: penal, jurisdicional e publicitária; e b) Funções secundárias: mediática e simbólica” (p. 39).

b) Localização dos pelourinhos no espaço público.

c) Possíveis causas para o vandalismo dos pelourinhos nacionais.

“Uma destruição que ocorreu maioritariamente durante o século XIX e que se prolongou, embora em menor grau, pela primeira década do século XX” (Rosa, 2014, p. 37).

d) Preservação dos pelourinhos como património nacional (Monarquia Constitucional, 1.ª República e Estado Novo).

e) Surgimento do Decreto n.º 23122, de 11 de outubro de 1933.

Surgido logo após a instituição formal do Estado Novo, o Decreto-Lei n.º 23122 verte em letra de lei as três clássicas aspirações que há algumas décadas vários patrimonialistas pretendiam ver atendidas relativamente aos pelourinhos portugueses: a classificação geral destas estruturas, a inventariação do seu universo e a consagração de um dever de conservação e reintegração destes monumentos a cargo das respetivas autarquias. (Rosa, 2014, p. 101).

Através deste culto da memória e do restauro dos monumentos, o Estado Novo pretendia, assim, transmitir simultaneamente uma ideia de autenticidade e singularidade da sociedade portuguesa e uma ideia de restauro moral e material da própria nação. (Rosa, 2014, p. 103).

f) Características dos Pelourinhos de Águas Belas e de Pias.

g) História do Pelourinho de Águas Belas.

h) História do Pelourinho de Pias.

A.3. Identificação dos elementos geométricos constituintes dos pelourinhos, identificando formas de os conseguir caracterizar em termos das suas áreas e volumes. Poderão ainda estabelecer protocolos que permitam a recolha de dados aquando da visita aos locais.

A.4. Construção de um friso cronológico com os factos e as datas relevantes da História de Portugal, tendo em consideração a História dos Pelourinhos de Águas Belas e de Pias.

A.5. Preparação e organização de materiais de apoio ao trabalho de campo (grelhas de recolha de dados, bloco de notas, máquina fotográfica, entre outros) e também sobre como recolher os dados no local. Debate relativo às regras de segurança a ter em conta no percurso e espaço.

B - Ações a desenvolver durante a visita de estudo

Sugestão de alguns recursos didáticos/pedagógicos e instrumentais a serem utilizados na visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas, e que resultam do trabalho desenvolvido previamente com os alunos.

- B.1.** Realizar a visita ao Pelourinho de Águas Belas e ao Pelourinho de Pias.
- B.2.** Recolha de informação necessária para completar o portefólio de cada grupo de trabalho, tendo em conta os protocolos anteriormente preparados para a recolha de dados, fazendo o seu preenchimento no momento da visita.
- B.3.** Registrar através do desenho ou fotografar ambos os pelourinhos.

Destacar os aspetos em comum com a descrição efetuada por Rosa (2014),

De uma forma geral, o monumento assenta essencialmente numa coluna de pedra à qual são adicionados diversos elementos estruturais e decorativos. A meio da coluna é fixada uma cinta de ferro ou uma argola às quais eram amarrados os ferros dos criminosos [expostos à vergonha e à justiça pública]. A parte superior do pelourinho contém geralmente uma cruzeta em metal de onde pendem argolas, uma e outras destinadas a manietar o criminoso, mas também a permitir a afixação de documentos e objetos [os criminosos podiam ser amarrados à coluna ou podiam ser "suspensos por baixo dos braços às argolas, ficando alguns palmos acima do solo. E aí eram açoutados ou mutilados, de harmonia com a gravidade do delito e os costumes da época" (Torres, 1989, p. 43)]. Usualmente a coluna assenta num pedestal composto por vários degraus, para permitir um maior destaque estético à estrutura e uma maior eficácia no cumprimento das funções que lhe estão associadas. (p. 15).

- B.4.** Compreender os motivos pelos quais ficavam em locais públicos, centrais.
- B.5.** Identificar o tipo de rocha utilizada na construção dos pelourinhos (calcário).
- B.6.** Descrever a localização relativa e absoluta de cada um dos pelourinhos, utilizando a rosa dos ventos e o sistema de coordenadas geográficas (latitude, longitude), respetivamente.

C - Ações a desenvolver após a visita de estudo

Sugestão de algumas atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Apresentar sugestões de índole metodológica e avaliadora das aprendizagens.

- C.1.** Efetuar o tratamento dos dados recolhidos aquando da visita.
- C.2.** Realizar uma exposição na escola com uma seleção de fotografias, desenhos e/ou esculturas elaboradas em materiais diversos.
- C.3.** Discussão final da problemática da visita, com conclusão e apresentação do portefólio: Qual a importância dos pelourinhos na história da região?

AVALIAÇÃO

1. Proporcionar a diversificação de momentos, tipos e instrumentos de avaliação mediante a intencionalidade das aprendizagens.

De acordo com as ações estratégicas de ensino orientadas para o Perfil dos alunos, proporcionar atividades formativas que possibilitem aos alunos, em todas as situações:

- Apreciar os seus desempenhos;
- Estabelecer relações intra e interdisciplinares;
- Saber questionar uma situação;
- Desenvolver ações de comunicação verbal e não verbal pluridirecional;
- Utilizar conhecimento para participar de forma adequada e resolver problemas em contextos diferenciados;
- Desenvolver tarefas de planificação, de revisão e de monitorização;
- Desenvolver tarefas de síntese;
- Elaborar planos gerais, esquemas e mapas conceptuais;
- Identificar pontos fracos e fortes das suas aprendizagens;
- Utilizar os dados da sua autoavaliação para se envolver na aprendizagem;
- Descrever as suas opções usadas durante a realização de uma tarefa ou abordagem de um problema.

2. Autoavaliação realizada pelo aluno sobre o desenvolvimento das atividades e competências mobilizadas em cada fase, as aprendizagens adquiridas, com espaço a críticas e sugestões.

3. Avaliação efetuada pelo professor do processo e produtos resultantes das aprendizagens do aluno no portefólio. Valorizar o trabalho de livre iniciativa, a participação em contexto sala de aula e na visita de estudo, incentivando a intervenção positiva no meio escolar e na comunidade.

4. Autoavaliação realizada pelo professor sobre a monitorização das atividades desenvolvidas, do processo de ensino/aprendizagem e da(s) resposta(s) às problemática(s) em cada guião da visita de estudo.

5. Após partilha da avaliação, debate e reflexão conjuntos entre professores envolvidos, alunos e outros intervenientes da comunidade escolar/educativa.

BIBLIOGRAFIA/WEBGRAFIA

- DGPC (Direção-Geral do Património Cultural). (1990). *Pelourinho de Pias*. SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico). http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3388 (acesso em março de 2019).
- DGPC (Direção-Geral do Património Cultural). (2008). *Pelourinho de Águas Belas*. SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico). http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1968 (acesso em março de 2019).
- DGPC (Direção-Geral do Património Cultural). (s.d.a). *Património Cultural: Pelourinho de Águas Belas*. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74259> (acesso em março de 2019).
- DGPC (Direção-Geral do Património Cultural). (s.d.a). *Património Cultural: Pelourinho de Pias*. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73738> (acesso em março de 2019).
- MFZ (Município Ferreira do Zêzere). (2013). *Ferreira do Zêzere: guia turístico*. <https://www.cm-ferreiradozezere.pt/guia-e-mapa-turistico> (acesso em março de 2019).
- MFZ (Município Ferreira do Zêzere). (2014). *Pelourinhos*. <https://www.cm-ferreiradozezere.pt/patrimonio/223-pelourinhos> (acesso em abril de 2019).
- Rosa, A. (2014). *Os pelourinhos da Lusitânia (1820-1974): do vandalismo oitocentista à reabilitação pelo Estado Novo*. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património, Departamento de Ciências Sociais e Gestão. Lisboa: Universidade Aberta.
- TORRES, R. A. (1989). "Pelourinho ou Picota". In *Dicionário de História de Portugal* (Dir. de Joel Serrão). Porto: Livraria Figueirinhas, Vol. V, pp. 43-44.
- Zezeredia (2013a). *Pelourinho de Águas Belas*. Fundação Maria Dias Ferreira. <http://www.zezeredia.com/pagina-inicial/wiki/pelourinho-de-aguas-belas> (acesso em março de 2019).
- Zezeredia (2013b). *Pelourinho de Pias*. Fundação Maria Dias Ferreira. <http://www.zezeredia.com/pagina-inicial/wiki/pelourinho-de-pias> (acesso em março de 2019).

INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR

- [Descubra Médio Tejo](#)

Este guião articula com o guião 39 sobre o pelourinho da Sertã.

FICHA

Título: Guião Pedagógico – Ferreira do Zêzere - Visita de Estudo ao Pelourinho de Águas Belas e Pelourinho de Pias

Âmbito: Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal da Educação no Médio Tejo (PEDIME) - Programa de Visitas de Estudo do Médio Tejo

Editor:

COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO MÉDIO TEJO
Município de Ferreira do Zêzere

Organização:

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa



Equipa:

António Domingos (Org.)
Rute Perdigão
Sílvia Ferreira
Raquel Henriques
Susana Gomes

Data: abril de 2019